

# O desamparo no laço social e nas práticas socioeducativas: a escuta como um espaço de (re)significação

Autora: Larissa Moraes (Psicologia/UFRGS)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rose Gurski (Psicologia/UFRGS)



## INTRODUÇÃO

Este estudo é oriundo do projeto de pesquisa “Os jovens em Conflito com a Lei, a Violência e o Laço Social”, realizado na FASE/RS, que busca refletir acerca da potência transformadora da escuta dos meninos no âmbito da socioeducação. Neste trabalho, a partir da leitura dos diários de experiência das bolsistas participantes da Oficina, buscamos pensar a questão da importância desses espaços de escuta em articulação com as várias facetas do desamparo que apareceram frequentemente na fala dos jovens em conflito com a lei.

## OBJETIVOS

- Refletir sobre o tema da violência, para além do discurso da criminalidade, pensando-a como um possível efeito do desamparo na vida dos meninos;
- Analisar de que forma as práticas socioeducativas repetem o desamparo já vivido por esses adolescentes;
- Pensar como um espaço de oficina, baseada na livre circulação da palavra, pode servir como um modo de (re)significação de si.

## METODOLOGIA

Da coleta dos dados:

- Recolhemos da Psicanálise a *atenção flutuante* (Freud, 1912) e o conceito do *a posteriori* (Freud, 1895).
- De Walter Benjamin, tomamos os efeitos metodológicos advindos de seu trabalho com a temática da experiência.

Da análise dos dados:

- Análise e discussão no grupo de pesquisa dos diários de experiência produzidos pelas bolsistas;
- Elaboraões e reflexões a partir das discussões no grupo de pesquisa sobre os textos teóricos abordados.

## EXPERIÊNCIA, O DESAMPARO E O LAÇO SOCIAL

*“Por que esse cara virou um sequestrador? [...] O que ele teve? Ele não foi pra faculdade. [...] Ninguém estuda ele antes, o cara quer estudar ele agora. [...] Ele não quis saber quando tu era do tamanho daquelas crianças o que aconteceu; se você morreu de fome, [...] se você perdeu sua mãe [...], se você perdeu seu pai [...]. Ninguém pergunta isso”.* Trecho retirado do documentário “Sabotage, o maestro do Canhão”.

Assim como Sabotage, os jovens em cumprimento de medida socioeducativa na FASE/RS também denunciam, em seus relatos, suas angústias e sofrimentos. Em suas falas, muitas vezes, tangenciam a relação deles com o laço social, expondo suas vulnerabilidades e condição de marginalidade.

No início da pesquisa, percebemos uma certa desconfiança dos adolescentes quanto ao nosso trabalho na instituição; as falas eram selecionadas, e quando pronunciavam algo que “não deveria ser dito” a ameaça da punição tornava-se visível. Os jovens vivem numa constante ameaça de que se desviarem das regras serão severamente punidos. A partir desse exemplo, nos questionamos se o desamparo vivido pelos meninos, na sociedade, não estaria sendo repetido dentro da instituição pela forma, por vezes, autoritária e descrente dos agentes para com eles.

Sabendo que o desamparo pode impor-se como uma barreira no processo de decantação de vivências em experiências, sendo agente do esvaziamento da dimensão da experiência, pensamos que a livre circulação da palavra e a partilha com os companheiros poderiam atuar na contramão desse movimento. Esta escuta visa possibilitar um preenchimento de sentido às vivências desses meninos, permitindo uma (re)significação de si e dos seus atos, que possibilite a inscrição no social por outros modos além dos atos infracionais.

## TENSIONANDO AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS

Principais questões que ilustram as facetas do desamparo na instituição:

- Os jovens contam que, constantemente, sentem que tem sua palavra desvalorizada pelos agentes;
- Dependendo do que fazem lá dentro, apanham, vão para uma espécie de “solitária” (isolamento) e tomam um “prego” (injeção para dormir);
- Relatam sobre regras sem um sentido aparente que continuam sendo postas em prática com alegações como “regras existem para serem cumpridas”. Não há reflexão sobre sua utilidade e aplicabilidade.

## PROBLEMATIZANDO O DESAMPARO, O LAÇO SOCIAL E A SOCIOEDUCAÇÃO

Problematizar a relação adolescentes-agentes é essencial para pensarmos como a socioeducação vem sendo posta em prática. *“É importante ressaltar que existe um mal-estar na relação entre os agentes de disciplina e os adolescentes que não será eliminado. [...] Mas é possível trabalhar esse aspecto para que os agentes não fiquem confundidos com a função que exercem e que façam valer a lei, sem se confundir com ela, podendo, assim, ter uma intervenção que não precisa ser no registro da violência”.* ZEITOUNE(2011). Dessa forma, abrir-se-ia espaço para uma relação diferente.

Acreditamos que o mais interessante seria que o laço entre os meninos e os profissionais não se constituísse pela via do medo, pois percebemos que os agentes que fogem do padrão autoritário são lembrados com carinho, como figuras paternas, simplesmente por os tratarem com consideração. *“Quando seria necessário reforçar a autoestima dos jovens transgressores no processo de sua recuperação e mudança, as instituições jurídico-políticas os encaminham na direção contrária: punem, humilham e dizem a eles ‘você são o lixo da humanidade’. É isso que lhes é dito quando são enviados às instituições “socioeducativas”, que não merecem o nome que têm – o nome mais parece uma ironia”.* SOARES(2004)

O futuro dos jovens acaba sendo colocado em cheque com esse desamparo repetido dentro da instituição. Ouvimos dos próprios meninos a admiração pelos colegas que ao sair “ficaram bem-sucedidos por causa dos cursos”; não foram esquecidos, são como lendas. Será que se a relação entre os adolescentes e os agentes fosse mais calorosa os resultados não seriam melhores? Por outro lado, não estaria sendo revelada uma faceta do desamparo também por parte dos agentes? O que os faz agir dessa maneira? Pensamos que o desamparo nas formas de exercer sua função e a falta de escuta desses profissionais podem estar ocasionando essa forma hostil de agir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de uma escuta dos agentes e o mal-estar causado por esse silêncio impõe para eles (os agentes) a saída única de assumir uma posição excessivamente autoritária para não se afetarem tanto com seu trabalho, afinal, não podemos menosprezar as dificuldades deste.

Como efeito deste trabalho, pensamos na importância da continuidade das Oficinas com os jovens da FASE e também na ampliação deste trabalho de escuta também com os agentes. Este espaço teria como objetivo *“cuidar dos cuidadores”*, um modo de abrir um espaço para que eles possam falar de seus sofrimentos partilhando experiências e com isso, tentando viabilizar um modo de acolhimento a esses meninos dentro da instituição.



## Referências:

- FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, S. (1912). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.130-159.
- ZEITOUNE, C. M. A clínica psicanalítica do ato infracional: os impasses da sexuação na adolescência. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.117-134, dez.2011.